

## **Josué de Castro e o saber geográfico: movimentos e possibilidades**

Wagner Carlos da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este presente estudo surgiu a partir da inquietação diante da leitura da obra o Renascimento do acontecimento de François Dosse. Desse modo, buscaremos privilegiar essa nova concepção de acontecimento proposta por Dosse e dialogar com o nosso interesse de pesquisa. Este trabalho abordará Josué Apolônio de Castro (1908-1973) que se revelou um intelectual atuante e com uma produção literária expressiva. O nosso principal objetivo é problematizar um acontecimento na vida de Josué de Castro que implicou em mudanças no seu olhar e na sua postura como intelectual, através da análise da sua relação com o saber geográfico instituído e de sua produção literária.

**Palavras-chave:** Acontecimento, Josué de Castro, Geografia.

### **1. INTRODUÇÃO**

François Dosse (2013), intrigado pelo retorno de uma nova noção de acontecimento, discute como em diferentes momentos, especialmente no século XX, os campos do conhecimento pensaram o acontecimento, sobretudo nas ciências humanas. Assim, problematiza o conceito de acontecimento com a intenção de entender como esta noção pode ser útil à historiografia do século XXI.

Desde o surgimento da história dita cultural alguns preceitos do paradigma dos Anales estão sendo ignorados e as suas noções estruturais estão sendo substituídas por outras concepções. Nesse cenário atual da historiografia observamos o retorno do interesse pelo acontecimento. Esse renascimento do acontecimento vem acompanhado de uma mudança de abordagem onde agora é privilegiado as ideias de caos, mutação e rupturas. No entanto, o que está ocorrendo não é um simples regresso a concepção limitada de acontecimento do historicismo do século XIX.

Entrecruzado em toda essa discussão está o desejo de Dosse de que os historiadores vejam o acontecimento “como desfecho e abertura de possíveis” (2013, p. 6).

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura Regional da UFRPE, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fabiana de Fátima Bruce da Silva. Bolsista CAPES. Endereço para correspondência (wagner\_professor\_@hotmail.com)

Nesta perspectiva, sem nos esquecermos de relacionar sua singularidade com uma estrutura mais ampla, pretendemos valorizar o acontecimento atento ao que ele produz de novidades.

Essa nova noção de acontecimento que Dosse (2013) apresenta abre uma possibilidade de investigação num universo complexo e ainda muito pouco explorado pelos historiadores. Embora de difícil operacionalidade esse conceito pode ser bastante útil na operação historiográfica. Desse modo, optamos em não continuar querendo nos aproximar da compreensão da realidade social como se não existisse o acontecimento.

É sugerido por Dosse (2013) que os historiadores valorizem os acontecimentos que permeiam seus objetos de estudo. Nesse sentido, consideramos que este olhar possa: privilegiar as discontinuidades; enfatizar as relações e práticas; destacar a relação da linguagem com o acontecimento e suas metamorfoses de sentidos; e garantir ao historiador uma narrativa mais rica implicando numa persuasão.

Gilles Deleuze (2003) nos ajuda a lidar com a prática historiográfica nos alertando que não é fácil a busca pela verdade e que devemos ter cuidado para não tomar a coisa pelo significado. Aprendemos, então, que não precisamos temer as zonas obscuras. Temos que entender que na trajetória de uma pesquisa seremos violentados e é necessário estarmos preparados para sairmos das amarras metodológicas e termos flexibilidade. Assim, a partir do questionamento das nossas hipóteses iniciais ficaremos diante de novas possibilidades de se narrar a história.

Para fugirmos das objetividades devemos ser críticos e não mergulhar completamente em nenhum mar, tempo, espaço ou pressupostos. Giorgio Agamben (2009) também nos auxilia a escapar das aparências e dos significados únicos. Percebendo o escuro, vendo de forma diferente o objeto podemos “ler de modo inédito a história” (AGAMBEN, 2009, p. 72). Assim, através de muita habilidade o pesquisador não adere algo totalmente. Nesse sentido, o historiador percebendo as variações das temporalidades pode interpretar os signos que lhe chegam.

Este texto tem como objetivo principal correlacionar essas leituras e pensar sobre o interesse da nossa pesquisa de mestrado<sup>2</sup>. Desse modo, iremos discutir um acontecimento

---

<sup>2</sup> Nossa pesquisa de dissertação é intitulada “Representações do ambiente urbano da cidade do Recife em Josué de Castro”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura Regional da UFRPE, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fabiana de Fátima Bruce da Silva.

relevante que colaborou na elaboração da representação de Josué Apolônio de Castro sobre a cidade do Recife, por meio de uma postura reflexiva com o documento. Assim, privilegiaremos essa nova noção de acontecimento proposta por Dosse e conciliaremos com o modo de olhar sugerido por Deleuze, no qual consideramos fundamental para se relacionar com as fontes.

No ano de 1933, ocorre um acontecimento importante, é inaugurada em Pernambuco a Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife, onde cabe a Josué de Castro lecionar a disciplina de Geografia Humana<sup>3</sup>. Inclusive, ele participou ativamente do processo de idealização dessa faculdade, aparecendo como um dos fundadores em companhia de outros intelectuais, como: Olívio Montenegro, Nelson Coutinho, Aníbal Bruno, Sílvio Rabelo, Ulisses Pernambucano<sup>4</sup>. Inspirados nas universidades europeias, esses intelectuais desejavam uma instituição que se relacionasse com o conhecimento de forma menos utilitarista e mais direcionada a pesquisas sociais<sup>5</sup>.

No entanto, por que consideramos o ato de Josué de Castro ter que ensinar Geografia numa Faculdade tão decisivo? Por qual motivo damos relevância a este acontecimento quando tentamos analisar a representação do ambiente urbano do Recife construída por Josué de Castro? Por que isto é fundamental para pensarmos uma abertura de possibilidade? Veremos este acontecimento como imprescindível porque foi um momento na vida de Josué de Castro que possibilitou uma mudança, anos depois, na forma que olharia a cidade do Recife.

Este acontecimento que para muitos pode aparecer como banal é apenas aparentemente insignificante. Apesar de não remeter a um acontecido fora do padrão, percebemos nele uma expansão de alternativa que consiste em transformações. Naquele

---

<sup>3</sup> Em 22 de setembro de 1933, no Salão Nobre da Faculdade de Direito do Recife é concebida a Faculdade *de Filosofia e Ciências Sociais do Recife*. (Diário da Tarde, Recife, 22/09/1933).

<sup>4</sup> Numa entrevista Josué de Castro relembra: “Fundei, com vários companheiros, uma Faculdade de Filosofia no Recife. Com 23 anos eu era o Diretor. Consegui ser professor da Faculdade [...] de Filosofia (Geografia Humana)”. (Revista Manchete, Rio de Janeiro, abril, 1964).

<sup>5</sup> Sobre a função das universidades, Josué de Castro desejava uma instituição que estimulasse o pensamento científico e declarava que “Não nos faltam apenas técnicos, mas também elementos com cultura teórica bem formada. Esses nos são ainda mais indispensáveis, porque fazer as coisas é muito fácil - o difícil é fazê-las e compará-las com espírito rigorosamente científico. E esse espírito só se forma com uma larga cultura viva, com o conhecimento direto dos fenômenos naturais, do campo sociológico – pela investigação e comparação dos problemas sociais” (O Estado, Recife, 24/09/1933).

momento em que Josué de Castro se torna professor de Geografia Humana ele era um jovem recém-formado em medicina, tinha montado sua própria clínica de nutrição e lecionava a disciplina de Fisiologia na Faculdade de Medicina do Recife. Nada indicava que, anos mais tarde, seria um geógrafo de prestígio social e reconhecido pelos seus pares<sup>6</sup>. Nesse sentido, consideramos fundamental esse momento na alteração da sua trajetória como intelectual. Assim, destacamos que vemos o acontecimento como sugeriu Deleuze, onde “o possível não preexiste, ele é criado pelo acontecimento” (DELEUZE apud DOSSE, 2013, p. 12).

## **2. A CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO BRASILEIRO: OS ENCONTROS DE JOSUÉ DE CASTRO**

Não pretendemos buscar o primeiro contato que Josué de Castro teve com a ciência geográfica. No entanto, atribuímos importância a este encontro, porque vemos nele uma abertura a uma descoberta da ciência geográfica, pois coube a ele lecionar Geografia Humana durante dois anos de sua vida em um período histórico em que a geografia nem ao menos tinha se firmado no Brasil e nem havia aparecido nas suas produções. Aliás, como veremos mais adiante, é só em 1937 que o método geográfico ocupa uma centralidade na sua obra. Também não queremos afirmar que este acontecimento foi o único a alterar as possibilidades, acreditamos que houve vários episódios ligados a este que se tocam e influenciaram o modo de ver e representar de Josué de Castro.

A Geografia Científica na década de 1930 ainda não estava consolidada no Brasil. Enquanto Josué de Castro começava a lecionar geografia nem ao menos existia um curso institucionalizado de Geografia no país. Aliás, só em 1934 que seria estabelecida a Universidade de São Paulo (USP), a primeira universidade no país. Nela seria introduzido o primeiro curso de Geografia do Brasil. Carvalho (2007) com seu trabalho que se insere na linha da história do pensamento geográfico, diz que a ciência geográfica até 1948 estava em fase de implantação e que só a partir dos anos 1950 que ela se afirmará no cenário científico brasileiro.

Enquanto as universidades vão se firmando no Brasil no decorrer da década de 1930 o governo federal funda o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A

---

<sup>6</sup> Empossado no cargo de professor de Geografia Humana na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil em 14 de julho de 1948, por meio de sua tese intitulada *Fatores de Localização da Cidade do Recife: Um ensaio de geografia urbana*.

intenção do governo é estimular as pesquisas geográficas com intenção de obter informações acerca da realidade brasileira. Segundo Andrade (1999), desejosos de um mapeamento do território nacional, a geografia foi impulsionada por alguns setores nesse período. Era necessário, na ótica do governo, conhecer cientificamente os vários ambientes naturais para o pleno desenvolvimento da nação.

As condições históricas para o surgimento dos saberes científicos no século XIX é uma das preocupações do filósofo Michel de Foucault. Ele sugere que a emergência dos saberes depende de elementos externos aos próprios saberes. A sua análise das relações entre poder e saber é uma das contribuições que nos legou Foucault. Segundo o filósofo, saber e poder operam dentro de um mesmo espaço, onde um depende do outro para funcionar.

O fundamental da análise é que saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação do saber. (FOUCAULT, 2012, p. 28).

A análise de Foucault desconstrói a ideia da neutralidade do saber. Isto não significa que o saber está totalmente subordinado ao poder, aliás, para entendermos o pensamento de Foucault não podemos vê o poder como algo negativo. O saber está inserido numa relação onde há local para liberdade, embora isto não queira dizer que o saber seja imparcial.

Paralelamente ao estabelecimento da Geografia no Brasil Josué de Castro começa a se utilizar dessa ciência e até favorece sua consolidação no país. Nesse seu pioneirismo vale considerar o diálogo estabelecido entre ele e a geografia e como ele se transformou em geógrafo. Então, abordaremos três encontros que entrelaça o cientista com o saber geográfico na sua época, procurando identificar o que era permitido para ele.

Ampliando as possibilidades vemos que a institucionalização da geografia no Brasil promoveu encontros importantes para a transformação no modo de ser de Josué de Castro. De início o curso de Geografia da USP necessitou, assim como outras áreas do conhecimento, da vinda de intelectuais europeus, com finalidade de ministrar aulas e fortalecer esse novo campo científico no país. Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig, geógrafos que vieram lecionar no Brasil e no país passaram anos, estabeleceram uma relação com Josué de Castro e quem sabe o quanto eles foram intercessores de Josué de Castro com a

ciência geográfica. Sabemos que no decorrer da produção geográfica de Josué de Castro estes geógrafos são referenciados constantemente, como será visto mais adiante.

Esses dois geógrafos que vieram ao Brasil estão atrelados à Escola Francesa de Geografia que era liderada por Vidal de La Blache. Essa Escola lança a ideia do possibilismo que consiste em relacionar de forma não determinista a relação entre o homem e o meio. Os preceitos desta geografia ganha notoriedade entre as ciências sociais naquele período, sendo bastante utilizado até pelas primeiras gerações da *Escola dos Annales*<sup>7</sup>. Assim, ocupando um lugar privilegiado nas universidades europeias, a geografia obteve uma grande visibilidade, tornando-se em um interessante acontecimento. Desse modo, não descartamos a ideia de Josué de Castro, como cientista, ter escolhido o método geográfico a partir desse novo status destinado à Geografia.

No entanto, simultaneamente ao êxito do saber geográfico, Josué de Castro construía uma amizade com um geógrafo francês: Max Sorre. Esta relação deve ter sido fundamental na produção científica dele. Vemos esses pontos de cruzamentos e cooperação através de suas obras. Trabalhando a questão da alimentação, Sorre admite que anda “seguindo o exemplo de Josué de Castro” (SORRE apud CARVALHO, 2007, p. 32), e reconhece Josué de Castro como companheiro. Por sua vez, Josué de Castro diz: “apresentamos os nossos agradecimentos pelas sugestões que nos fêz (Max Sorre) acêrca da Geografia das Cidades e pela indicação de útil lista bibliográfica sôbre o assunto” (CASTRO, 1954, p.11). Assim, Josué de Castro além de mostrar gratidão pela colaboração do amigo, revela que a sua referência bibliográfica para estudar o ambiente urbano foi influenciada pelo companheiro.

Não sabemos ao certo a intensidade e a repercussão desses encontros de Josué de Castro com a ciência geográfica. Mas, consideramos que estes contatos não estão desvinculados ao acontecimento da vida de Josué de Castro em 22 de setembro de 1933, pois não concebemos o acontecimento como isolado dos outros. Porém, não entendemos que ocorra uma relação mecânica de sucessividade entre os acontecimentos.

---

<sup>7</sup> Em Fernand Braudel percebemos a relação entre a história e a geografia em meados do século XX. Na primeira parte do livro *O Mediterrâneo*, Vidal de La Blache é o autor mais citado. LIRA, **Larissa Alves de. Fernand Braudel e Vidal de La Blache: Geohistória e História da Geografia** », *Confins* [Online], 2 | 2008, URL : <http://confins.revues.org/2592> ; DOI : 10.4000/confins.2592

Entretanto, a adesão do método geográfico por parte de Josué de Castro, talvez se deva a outro mediador, que não propriamente os geógrafos franceses. Nesse sentido, o que nos parece aceitável é uma suposta influência pessoal na trajetória de Josué de Castro. Imaginamos que Mário Lacerda de Melo (1913 – 2004) possa ter sido seu inspirador e ajudou a Josué de Castro a trabalhar alguns temas a partir da utilização do método geográfico. Em 1936, antes de Josué de Castro se definir como geógrafo, o jovem Mário Lacerda de Melo publicou vários trabalhos sobre a geografia no *Jornal Diário de Pernambuco* aparecendo como um dos pioneiros no assunto em Pernambuco.

Muito dificilmente Josué de Castro passou longe das escritas de Mário Lacerda de Melo. Não podemos acreditar que Josué de Castro, leitor e colaborador do *Diário de Pernambuco*, tenha desconhecido os textos de Mário Lacerda de Melo, no qual Josué de Castro supostamente se interessava pelos assuntos discutidos por Mário Lacerda de Melo.

Talvez ali começou a ser construído um outro modo de ver as coisas em Josué de Castro que aos poucos e interligados a outros mediadores acaba por refletir na sua escrita. Como nos mostra suas produções geográficas no decorrer da década de 1940, onde Mário Lacerda de Melo é sempre citado quando Josué de Castro disserta sobre a questão dos mocambos do Recife.

Embora, aceitamos a ideia que as instituições fortalecem e propagam um determinado saber, não desconsideramos os encontros íntimos e seus entrelaçamentos com aspectos mais estruturais da sociedade.

Após esta breve discussão narrada acima sobre a situação do saber geográfico no Brasil nos anos 1930 e 1940 e a relação com Josué de Castro, iremos, agora, refletir acerca das práticas literárias de Josué de Castro, mas precisamente sua produção científica na área da geografia.

### **3. OS MOVIMENTOS DA ESCRITA: O USO DO MÉTODO GEOGRÁFICO**

Procurando entender como ele se constrói como geógrafo, apresentaremos as suas primeiras publicações até chegarmos ao ano de 1948 com o estudo da tese que ele submeteu para concurso à Cátedra de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia da

Universidade do Brasil, privilegiaremos essa obra porque através dela que ele é reconhecido institucionalmente como geógrafo.

Observando a relação de Josué de Castro com o saber médico, percebemos que o discurso da medicina não satisfazia por completo o seu espírito inquieto e verificamos que ele demonstra insatisfação com o curso de medicina<sup>8</sup>. Inspirado em Freud, ainda como estudante de medicina na década de 1920, se empolga pela possibilidade de relacionar literatura com a medicina. Escreve, em 1925, *A Literatura Moderna e a Doutrina de Freud* que foi publicada na *Revista de Pernambuco*. Assim, consideramos que desde sua formação, Josué de Castro expressa uma vontade de dialogar com outras áreas do conhecimento.

O interesse pelas questões sociais foi um dos motivos que levou Josué de Castro a aderir o método geográfico. Entretanto, a atração pelos estudos acerca do mundo social ocorreu antes dele escolher a geografia como seu observatório. Em 1932 ele realiza um inquérito a pedido do Departamento de Saúde Pública do Estado de Pernambuco para avaliar as condições de vida de quinhentas famílias que residiam nos bairros operários da cidade do Recife. Através dessa pesquisa demonstra interesse em analisar não apenas o corpo humano, mas também a realidade social<sup>9</sup>. Para tal, dialogou com a sociologia, talvez por não ter tido ainda um contato com a ciência geográfica capaz de provocar mudanças na sua prática científica.

Continua trilhando sua forma interdisciplinar de produzir conhecimento e poucos anos depois publica o livro *Documentário do Nordeste*. Salientamos que muito deste livro foi desenvolvido enquanto Josué de Castro lecionava geografia na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais de Recife. Vemos essa obra como um momento de transição na escrita dele. O livro é formado por um conjunto de textos de caráter literário, biológico e sociológico. Entretanto em alguns textos de tendência sociológica percebemos um olhar direcionado as paisagens do Recife e um pouco de um olhar geográfico.

---

<sup>8</sup> Certa vez ele relembra: “A princípio uma impressão de deslumbramento e de veneração por seus velhos muros, pela austera fachada da sua escola. Depois de desencanto no que diz respeito aos ensino ali ministrado. Aliás, não só a Faculdade da Bahia, mas depois a do Rio, também me desapontou por completo. Entrei com um grande entusiasmo e saí com interesse quase morto pela maioria dos assuntos, na forma em que eram apresentados. Poucos professores me entusiasmaram” (CASTRO, 2003, p. 17).

<sup>9</sup> Sobre a sensação de descontentamento com o saber médico, vale destacar esse enunciado de Josué de Castro acerca da experiência que teve nesse inquérito: “Sei o que meus clientes têm. Mas não posso curá-los porque sou médico e não diretor daqui. A doença dessa gente é fome. Pediram que eu me demitisse. Saí. Compreendi, então, que o problema era social” (CASTRO, 2003, p. 19).

Impresso e publicado em janeiro de 1937, na primeira edição de Documentário do Nordeste, encontramos um texto interessante intitulado Revalorização do Nordeste, onde Josué de Castro faz um estudo geográfico e acredita que esse conhecimento pode fornecer à nação uma política mais eficiente. Percebemos um esboço de trabalho geográfico e, ainda, um distanciamento das teorias geográficas, pois não aparece nos autores citados nenhum geógrafo.

Na quarta edição desta obra este texto é retomado, mas agora com o título de Os preconceitos de raça e de clima. Antes de chegar a qualquer hipótese Josué de Castro faz uma longa discussão teórica, demonstrando familiaridade com diversas correntes do pensamento geográfico. Um texto com uma cara mais científica, onde diminui ou esconde o tom sentimental do escritor.

Na primeira edição ele pretende ressignificar a imagem do Nordeste, afirmando que a região tem boas condições para o desenvolvimento e um povo forte. Afirma que o problema do Nordeste são as políticas públicas e uma ingratidão do governo federal. Exceto pela novidade de trazer a interpretação geográfica enrolada com a sociológica, não percebemos nada demais no modo que ele vinha tratando seus temas nos últimos anos.

No entanto, percebemos, na quarta edição, além de uma valorização do Nordeste, uma intenção de derrubar algumas ideias relacionadas à raça e clima. A partir das premissas da Escola Possibilista se propõe em estudar um problema não apenas regional. Agora o seu foco é nas relações do homem com o meio ambiente. Nesse texto, seu objetivo principal é desconstruir as noções deterministas de raça e de clima.

Podemos observar nessas duas edições uma mudança não apenas na escrita, mas também nas opiniões do autor. Sabemos que cada texto foi escrito no seu tempo e está atrelado a uma configuração, mas sem o método geográfico Josué de Castro não conseguiria se inserir com respaldo naquela discussão teórica. O que vale ressaltar é que entre essas edições ocorreu a consolidação da ciência geográfica no Brasil e o estabelecimento da imagem de geógrafo de Josué de Castro.

Aquele intelectual curioso pelas novas teorias geográficas aos poucos vai consolidando uma nova postura científica. Em meados de 1937 é publicado o livro A alimentação brasileira à luz da geografia humana que inaugura um tema que Josué de Castro

irá trabalhar até o fim da sua vida, como também vai marcar sua imagem como um estudioso da fome. No entanto, o que constitui este livro como sendo bastante importante para o que se discute neste trabalho é que nele, finalmente, o método geográfico ocupará uma centralidade dentro da sua produção. Ele não deixa dúvidas que pretende estudar o problema da alimentação pelo viés geográfico e informa:

Não o método puramente descritivo da antiga geografia, velha como o mundo, mas o método da ciência geográfica que é nova, que é quase dos nossos dias. Que se corporificou dentro dos princípios científicos formulados pelas experiências de geógrafos como Karl Ritter, Humboldt, Ratzel e Vidal de La Blache (CASTRO, 1937, p.24-5).

Se antes o médico Josué de Castro utilizava, além do saber médico, os preceitos da sociologia e se entusiasmava com a escrita literária, agora, quatro anos após o seu primeiro contato com a geografia como docente, ele passa a se apropriar do conhecimento geográfico para tratar dos seus interesses de pesquisa. Assim, estava surgindo o geógrafo Josué de Castro.

Esta novidade implica que, mais tarde, a partir de uma obra de caráter geográfico, Geografia da fome, Josué de Castro conquistará prestígio e será reconhecido no Brasil e em diversos outros países, se constituindo como um grande intelectual brasileiro. Considerada sua obra prima, este livro cria condições para que Josué de Castro ocupe posições de destaque em instituições nacionais e internacionais.

Embora esse dado seja relevante, não nos interessamos aqui como a geografia mudou a vida de Josué de Castro de forma geral. No entanto, desejamos entender como a partir da mudança de suas práticas científicas e da sua posição social ele mudou seu olhar. Assim, após estes acontecimentos houve uma modificação do seu lugar de fala e do seu modo de ver.

Sobre sua posição dentro do saber geográfico, vale destacar o momento em que ele ingressa na Faculdade Nacional de Filosofia como professor efetivo de Geografia Humana com a sua tese: *Fatôres de Localização da Cidade do Recife*. Consideramos esse acontecimento significativo, porque nele vemos Josué de Castro sendo incorporado a uma das principais instituições relacionada ao saber geográfico e sendo aceito por geógrafos consagrados.

Em *Fatôres de Localização da Cidade do Recife*, onze anos após seu primeiro trabalho onde o método geográfico apareceu com força, percebemos, além de uma

sistematização do saber geográfico, uma grande influência da Escola Francesa de Geografia. Por exemplo, ele cita: Vidal de La Blache, Emmanuel De Martone, Pierre Monbeig, Jean Brunhes, Max Sorre, Pierre Deffontaines e Lucien Febvre.

O olhar de Josué de Castro sobre a cidade do Recife é orientado pelas premissas da geografia, principalmente a francesa. Ele pretende estudar o Recife através do “ponto de vista geográfico procurando destacar a ação dos fatores naturais e dos fatores culturais que determinaram a sua fundação, a sua evolução e a sua expressão singular”. (CASTRO, 1948, p. 7). Através deste enunciado, vemos uma filiação dele com a Geografia Humana, onde a geografia se interessa em estudar os aspectos não apenas naturais, mas também culturais.

O Recife que ele vê em *Fatores de Localização da Cidade do Recife* é diferente da cidade que ele viu, na década de 1930, em *Documentário do Nordeste*. Atribuimos essa mudança ao fato da aproximação de Josué de Castro com o saber geográfico e pensando junto com Deleuze (2003) lembramos que o signo está atrelado a um determinado tempo. Isto talvez explique porque naquele momento Josué de Castro significou a cidade de uma forma específica.

Ele não só altera seu modo de visão, mas acredita que a geografia lhe permite uma melhor abordagem acerca da realidade social. O artigo escrito para o jornal carioca *Diário de Notícias* mostra que Josué de Castro acreditava na eficiência da ciência geográfica e segundo ele “a geografia moderna veio multiplicar a densidade de percepção do homem, abrindo com os seus métodos, perspectivas novas ao conhecimento de fatos que durante séculos fora apenas ‘vistos’ mas não ‘compreendidos’”<sup>10</sup>.

A abordagem geográfica adotada por Josué de Castro privilegia o estudo de aspectos relacionados à paisagem urbana. Afirmava que via “o método geográfico como uma técnica que ensina a ver e a reproduzir com fidelidade os vários elementos que compõem os diversos panoramas naturais”<sup>11</sup>. Acreditamos que esse enunciado é coerente com a sua produção. Então, muito dessa racionalidade interferiu no seu processo de construção da representação da cidade do Recife.

---

<sup>10</sup> *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 13/05/1951.

<sup>11</sup> *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 13/05/1951.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encaramos um intervalo de tempo de quatro anos onde não sabemos como Josué de Castro se apropriou das suas leituras, porém podemos imaginar. Entre o acontecimento dele ter que ensinar geografia em 1933 até o método geográfico ser utilizado em sua pesquisa em 1937 Josué de Castro vai construindo uma nova identidade e um novo modo de produção científica. Ele é favorecido pela década de 1930 onde a geografia como ciência começa a surgir e aos poucos ganha notoriedade, mas não podemos esquecer seu espírito inquieto que não desejou apenas gerenciar sua clínica no centro do Recife optando se arriscar ao caminhar por outras vias.

Seja como for, este olhar geográfico de Josué de Castro foi proporcionado por um momento onde o pensamento geográfico estava em voga e que lhe permitiu uma combinação de experiências. No entanto, sem o acontecimento ele dificilmente mudaria sua forma de pensar. O acontecimento aparece para criar uma possibilidade embora esteja atrelado a uma configuração. Acreditamos que o acontecimento por si só não explica muita coisa, por isso o relacionamos com a situação do saber geográfico naquele período.

Portanto, pensamos que a transformação de Josué de Castro em geógrafo que ocorreu durante a década de 1930 estimulou mudanças na trajetória de vida dele. Aos poucos ele foi se convencendo que poderia entender a realidade brasileira através do conhecimento geográfico. Essa mudança, por sua vez, despertou um novo olhar de Josué de Castro sobre vários temas, inclusive sobre a cidade de Recife no qual é o nosso interesse de pesquisa.

#### 5. REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo**. Chapecó: Argos, 2009
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A construção da geografia brasileira**. Revista RA'EGA: Curitiba, n. 3, p. 19-34, 1999.
- CARVALHO, Antonio Alfredo Teles de. **O pão nosso de cada dia nos dai hoje!** Josué de Castro e a inclusão da fome nos estudos geográficos do Brasil. USP, São Paulo, 2007. P. 137. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo - USP.
- CASTRO, Anna Maria de. (Orgs.). **Fome: um tema proibido**: últimos escritos de Josué de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTRO, Josué de. **Documentário do Nordeste**. Ed José Olympio: Rio de Janeiro, 1937.
- \_\_\_\_\_. **A alimentação brasileira à luz da geografia humana**. Porto Alegre: Livraria da Globo, 1937.

\_\_\_\_\_. **Fatôres de Localização da Cidade do Recife:** Um ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro: imprensa nacional, 1948.

\_\_\_\_\_. **A cidade do Recife:** ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1954.

\_\_\_\_\_. **Geografia da fome:** o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos.** Trad. Calos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2003. 173 p. Primeira parte.

DOSSE, François. **O renascimento do acontecimento:** Um desafio para o historiador: entre Esfinge e fênix. São Paulo, Editora UNESP, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** São Paulo: Graal, 2012.